

O POVO ESPOZENDENSE

ORGÃO DOS INTERESSES DO CONCELHO

PROP. EDITOR E ADM.—J. DA S. VIEIRA

ESPOZENDE—DOMINGO, 3 DE SETEMBRO DE 1893

DIRECTOR LITTERARIO—A. PINHEIRO

ANNO II

Condições d'assignatura:
Anno 1\$200 rs.—Com estamp. 1\$360
Sem. 600 rs.—" " 680
Brazil 2\$500 — Pagam. adiantado
Nom. avulso 40 reis. Com est. 42 1/2

Redacção e Typographia:
RUA DO ARCO OU BECCO DOCE N.º 8

SEMANARIO INDEPENDENTE

Os originaes enviados a esta redacção não se restituem

Annuncios:
Por cada linha 40 rs. Repetição 20 rs.
Communicados ou reclames 40 rs. a l.
Os assignantes 25 % de desconto. Im-
posto do sello 10 rs.

N.º 59

MELHORAMENTOS

O espirito algo patriótico d'este povo, se bem que soffresse uma transformação radical, ainda cala no intimo uma ambição forte e inquietante pelo progresso.

E' verdade que nem todos os homens têm a mesma energia e a mesma actividade, e é certo tambem haver individualidades intangíveis, inabaláveis mesmo, que, devendo ser os primeiros propugnadores, são pelo contrario os primeiros a antepor-se ante o progresso; todavia, á carencia de união nota-se a falta de iniciativa; e, sem iniciativa não pôde haver união e sem união não poderemos realisar as nossas notáveis e reconhecidas necessidades; ao passo que se muitos praticassem com força de vontade e com devotado sentimento patriótico o que demonstram fazer com a apparencia, veríamos em curto espaço de tempo elevada ao grau de progresso que merece a terra que nós muito devíamos presar.

Não possuímos um mercado, (vergonhoso é dizel-o) que possa satisfazer ás exigencias do publico; não temos um bom abastecimento d'aguas, e se uma pequena canalisação temos, é n'uma das extremidades da villa e negando-nos em alguns annos a agua de que cacemos; não possuímos para regalia nossa um pequeno jardim publico que aformosie a villa; estão para ahí ruas immundas, beccos insalubres, pocilgas ameaçando ruina que o camartello do progresso devia destruir; e no entanto, nada se inicia, nada se realisa; nada se destrue e nada se aformo-

seia n'uma povoação que por tantos motivos era digna de melhor sorte.

Mas ganhemos paciencia e deixemos tudo isto ao arbitrio de quem administra os nossos dinheiros, por mais tempo ainda, já que a passividade e a incuria se enraizaram em todos aquelles que pelo seu reconhecido valor poderiam tornar-se credores da admiração e respeito de todos; deixemos-lhes o gosto ou a necessidade que têm de comer á tripa forra em lautas mesas; encaremos-lhes as ostentações vãs, porque esses que o bafejo da Fortuna acariciou poderão mais tarde precisar dos proletarios e proletarios temos sido nós...

O SULPHATO DE COBRE E O VINHO

Lê-se n'uma revista estrangeira:

«Suppondo que de qualquer forma o sulphato chegue ao interior da uva, ao por-se em contacto com o assucar do seu succo, este recompõe-o precipitando de si todo o cobre em estado insolúvel, e, na nova forma que assim toma, deixa de ser venenoso, porque a condição da solubilidade é indispensavel para a acção toxica.

Poderá objectar-se que este composto de cobre insolúvel repetido no interior da uva, ao pôr-se em comunicação com os succos digestivos, pode dissolver-se e recobrar então a sua propriedade nociva; mas, posto que isto não seja absurdo sob o ponto de vista das noções chemicas, não deve realisar-se no complexo systema dos phenomenos intraorganicos. A pratica estabelecida em

França de curar os operarios intoxicados pelo cobre dando-lhes uva durante um certo numero de dias, prova que o composto cuprico não recobra as suas propriedades toxicas, na successão dos phenomenos digestivos, quando associado ao fructo da videira.

Mas ponhamos de parte este facto para continuar afirmando que as uvas são venenosas quando existe cobre no seu interior, ainda que seja em minima quantidade. Ainda assim, o que não pôde negar-se é que durante a fermentação do mosto se depositará com fezes todo o metal, não só por causa do assucar, mas tambem e principalmente por causa do tartaro, que, antes de separar-se do producto fermentado, precipita quantos metaes haja no liquido, e sobre tudo o cobre se o houverse.

De maneira que, nos sedimentos de consistencias quasi petrea que adherem ás paredes dos toneis durante a fermentação do vinho, é que devem estar as particulas, de cobre que anteriormente se não tivessem separado.

Para se convencer d'este facto o incredulo mais resistente, pôde fazer-se a seguinte experiencia:

Deite-se em certa quantidade de vinho em mosto uma porção de sulphato de cobre, dupla ou tripla da que se manda lançar nas videiras para combater o mildu; poula-se a fermentar, e, no vinho resultante d'este mosto coprificado, procura-se depois o cobre pelos seus reagentes especiaes e, com certeza, apesar da sua maravilhosa sensibilidade, esses reagentes não accusarão o mais leve indicio do metal adicionado, demonstrando-se assim, sem nenhuma especie

de duvida, que todo elle fica nos depositos, e que por consequente, o vinho já não pode ser venenoso porque já não contém cobre.

Aproveitando o beneficio de todos os productos utilisaveis da uva, ainda pode allegar-se que, se o vinho não contém cobre, existe este metal no tartaro que deposita durante a fermentação do vinho, e será preciso renunciar ao aproveitamento d'este deposito, que todavia tem um certo valor. Tambem não é isto exacto, porque o sarro que se tira das paredes dos toneis só se emprega depois de separar convenientemente tudo o que lá existe em estado insolúvel, e por consequente separa-se tambem qualquer porção de sulphato de cobre que lá houverse, de forma que o sarro fica puro e inoffensivo.

Parece-nos que, depois do que acabamos de dizer, ninguém rasoavelmente poderá permanecer em preconceito contra o tratamento das vihas pelo sulphato de cobre.

CHRONICA

De semana a semana

(Notas de um triste)

A morte veio e disse-me: MORRE, e eu senti uma mão de ferro apertar-me a garganta e depois estrebchei nas vascas da mais dolorosa agonia.

Tinha morrido. Achava-me estirado, no meu quarto armado em camara ardente, algumas velas ardendo, um Christo pallido e decarnado, pendente das galhas de uma cruz, como me sorrindo.

E eu na minha immobilidade

minho as moscas zumbidoras e douradas, verdadeiras senhoras d'este recanto pacifico, verdadeiros passantes d'estas tranquillias aleas.

La lá quasi todas as manhãs. Sentava-me n'um banco e lia. Por vezes deixava cahir o livro sobre os joelhos para scismar, para ouvir em redor de mim o viver de Paris, e para gosar do reponso infindo d'estas plantações á antiga.

Mas em breve notei que não era o unico que frequentava estes logares desde que as portas se abriam, e encontrava-me frequentemente cara e cara com um velhinho de aspecto estranho.

Usava sapatos com fivelas de prata, calças de braguiha, uma sobrecasaca côr de rapé, uma renda em guisa de gravata e um inverosimil chapen cinzento de enormes abas e grandes pellos.

Era magro, muito magro, anguloso, gesticulador e sorridente; os seus olhos, muito vivos, palpavam, agitavam-se n'um continuo movimento de palpebras, trazia sempre na mão uma esplendida bengala de castão de ouro, que

de cadaver via acercarem-se do meu caixão as pessoas da terra e uma por nma, hyssope na mão, lengalearem um PATER-NOSTER, a lagrima das grandes occasiões nos olhos.

Entre ellas destacava-se uma mulher pallida, desgrenhada, toda de preto, arfando-lhe o peito em convulsões de choro.

E eu vi-a acercar-se de mim, tomar o hyssope e abraçar o meu cadaver hirto e gelido, e dizer-me baixinho, muito baixinho: Quem me dera ir contigo!

Levava-a em braços, desmaiada, quando o padre entrava.

Abriu o livro das orações, mastigou quatro tretas latinhas, de mistura com outras tantas syllabadas e lá me levaram quatro homens, rindo de contentes, por terem aso de ganharem 1\$000 rs.

Chegado ao cemiterio, as mãos brutas do coeiro estenderam-me um lenço no rosto, um meu amigo pronunciou um discurso, de ha muito feito para um influente politico e cova commigo.

E ao cahir senti um grito de agonia e dôr, um grito enorme! era a tal mulher desgrenhada e pallida, toda de preto, arfando-lhe o peito em convulsões de choro.

E assim estive na minha cova muitos dias, mas a todos os momentos eu sentia coar-se pelas gretas da minha sepultura o calor dos teus labios, de envolta com estas palavras: como elle deve alli estar mal.....

Accordei. Era dia alto; um sol esplendido entrava-me pela janella e a creada chamava-me preguiçoso.

Esposende 28—8—93.

HAMLET.

FOLHETIM

O MINUETE

I

As grandes desgraças nunca me entristecem, disse João Bridelle, um solteirão que passava por sceptico. Vi a guerra de bem perto, passava por cima de cadaveres sem terror. As grandes brutalidades da natureza ou dos homens podem fazer-nos dar gritos de dôr ou de colera, mas não nos fazem este aperto de coração, este calafrio que nos percorre a espinha quando vemos umas certas pequeninas cousas pungentes.

A mais violenta dôr que se pôde ter é decerto a perda de um filho para nma mãe, e a perda da mãe para um homem. Isto é violento, terrivel; isto transtorna e dilacera; mas curam-se estas catastrophes como se curam as grandes e sangrentas feridas. Ora uns certos encontros, umas certas cousas entrevistas, adivinhadas, uns certos desgostos secretos, certas perdidias da sorte, que excitam em nós todo um mundo de dolorosos pensamentos, que nos en-

treabrem bruscamente a porta mysteriosa dos soffrimentos moraes, complicados, incuráveis, tanto mais profundos quanto parecem benignos, tanto mais penetrantes quanto parecem quasi imperceptíveis, tanto mais tenazes quanto parecem flicios, deixam-nos na alma como que um resto de tristeza, um sabor de amargura, uma sensação de desillusão que é preciso muito tempo para se desvanecerem.

Tenho sempre diante dos olhos duas ou tres cousas que outros seguramente não notaram, e que me impressionaram com longas e finas picadas incuráveis.

Os senhores não comprehendem talvez a commoção que me ficou d'estas rapidas impressões. Só lhes contarei uma. E' muito antiga, mas conserva-se viva como se fosse de hontem. Pôde ser que só da imaginação seja filho o meu enternecimento.

II

Tenho cincuenta annos. Era então um rapaz estudava e direito. Um pouco triste, um pouco sonhador, impregnado de uma philosophia melancholica, não gostava

dos cafés ruidosos, dos condiscipulos bulhentos, nem das raparigas da vida airada e estupidas. Levantava-me cedo; e um dos gostos mais da minha predilecção era passear sósinho, ahí pelas oito horas da manhã, no jardim-viveiro de Luxemburgo.

Não conheceram este viveiro? Parecia um jardim do seculo passado ali esquecido, um jardim tão bonito como um meigo sorriso de uma velha. Sebes exuberantes separavam as aleas estreitas e regulares, aleas serenas e calmas entre dois muros de folhagem cortada com methodo. As grandes thesouras do jardineiro aliavam sem cessar tabiques de verdura; e de espaço encontravam-se cauteiros e taboleiros de pequeninas arvores formadas como collegias em passeio, variedades da magnificas roseiras ou regimentos de arvores fructíferas.

Um canto d'este delicioso bosquequinho era habitado por abelhas. Os seus cortiços de patha, sabiamente distanciados sobre taboas, abriam ao sol as suas portas do tamanho de um detal. E encontravam-se durante todo o ca-

era decerto uma recordação piedosa.

Este homem ao principio admirou-me, depois interessou-me; espreitava-o atravez as paredes de folhagem, seguia-o de longe, escondendo-me por entre as arvores para não ser visto. E eis que uma bella manhã, como se julgasse só, se pôe a fazer movimentos muito singulares; alguns saltos primeiro, depois uma mesura; depois com as suas pernas emmagrecidas, começou um passo de dança, ainda bastante movimentado; depois começou a girar gentilmente, saltitando, revirando-se de um modo ratão, sorrindo como diante de um publico, fazendo gracilhas, arredondando os braços, torcendo o seu pobre corpo de bonifrate, dirigindo para o ar ligeiros cumprimentos ternos e ridiculos.

Dança!

Eu fiquei perfeitamente de espanto, perguntando a mim proprio qual dos dois estaria doido: se eu, se elle.

(Continúa)

GUY DE MAUPASSANT.

FILAGRANAS

Cartas do outro mundo

II

E... o esquecimento da vida, vem do ultimo recordar do coração; do passado portanto.

O passado!... o passado, meu Hamlet, embora distille lagrimas, heitane tristezas, tem alvoradas d'alogria—quando o presente e o futuro se abraçam n'um mesmo amplexo, com as negras trévas d'um minuto; sim, o passado boje, sendo um ultimo recordar é o arrebol do Nada, da immobilitade eterna; o olhar vidrado do moribundo, que lita o que não vê; o beijo sem sentimento, sem alma, dos labios sem cor do morto no lenço alvo que lhe occulta a pesada tampa, que desce a comprimir-lhe o seio gelado; a ultima hyssopada de agua-benta, que chora por elle as ultimas lagrimas; a derradeira nota do requiem, que se perde no murmuro luctuoso dos cyprestes. E o antevêr do Nada—é a felicidade do cadaver, porque trazendo-lhe a morte ao coração, a immobilitade eterna, o descanço sem fim, não lhe aponta mais o Esquecimento a velar a sua memoria...

Mas esse passado lá fora, é a gargalhada do precito, junto da campa da que lhe deu o ser; a maldição paterna, descendo sobre a cabeça d'um filho innocente; o ferrete da ignominia, sobre a fronte pura d'uma virgem. Oh, se fora chorar o pranto da minha alma feita d'amor.—como me dissêste—sob as mudas arcarias de cantros limosos, na apertada cella onde gemem phantasmas, ajoelhada sobre as pedras sepulchraes onde, lá dentro, pulsam corações que não findaram no suicidio moral das suas donas, embalar-me no cantechão forçado e rouquejante, soturno e blasphemador, no velho côro conventual, nas elegias amarissimas que o órgão diz, no requiescat severo ante a luz amarelada dos brandões á volta do negro athaúde, ali sem ar, sem coração, sem Deus, a tua Ophelia seria hoje ainda—o phantasma do remorso que ao de sempre te perseguiria, a visão sinistra desenhada no vago do teu meditar, a nuvem caliginosa que toldaria o céu anilado da tua ventura...

Mas não... Eu amava-te, meu Hamlet; para que te fizesse soffrer; devia assassinar o meu coração... e eu não o possuía, para lhe cravar bem fundo a adaga da desesperança, que cala as suas palpitacões... elle habitava contigo, ainda que repellido!

E nas agnas remançosas, o meu corpo foi procurar—qual lyrio feito de neve a quem a haste murchou—no seio d'essa corrente crystallina, o somno sem despertar, o somno unico que compensa—a elle—as longas vigílias, durante as bellas e perfumadas noites, para trocar com a lua essas osculos que davam a cor ás suas faces, para receber das estrellas esses risos que lhe borboleteavam nos labios—a mim—pelo término, essas allucinações que o esfolhar das esperanças traz, essas realidades mui outras das chiméras feitas d'auroas e soes...

Só o meu coração jaz no campo santo, sob a pedra mnda do tumulo, para sentir o pulsar do

teu, às altas horas da noite silenciosa, quando tu vagueias pelo cemiterio—esperando que os tumulos te offereçam o lenitivo, que a vida nega para o teu soffrer; e elles podem-t'o offerter, porque occultam corações que ainda pulsam esperanças.

Espozende—2—10—93.
OPHELIA.

LETRAS E TRETAS

XIV

Leitor amigo. Ora aqui está ao que nós chegamos. Eis-me ás aranhas em casa calada de pouco tempo, que por mais que procure aqui, espreite ali, olhe mais ao longe, encontro tudo limpo... tudo limpo. E eis como um pobre chronista que se obrigou a dar circunstanciadamente parte das occorrencias de maior, aqui passadas, se ha-de haver com os leitores do «Povo Espozendense»!

Mas eu creio, meu caro leitor, que tu e todos os mais me haveis de desculpar, já pela minha demora em vos apparecer, já por ainda hoje, pouco ou nada vos dizer. Creio que sim; e é confiado na nossa benevolencia que me apresentei hoje, fazendo assim mais extensa a minha carta de «treta» sem importancia.

Como disse, procuro sempre e nada encontro. Se applico a minha longamira voltado para o oceano, vejo apenas o mesmo oceano que se baloiça indolente como o fazia á mil annos com pequenas alternativas; e vejo de quando em quando alguma pequena embarcação que galgando por sobre o dorso do mar lá vae fugindo... Se me volto para o norte sempre com o longamira assitada, deviso apenas a immensidade e ao longe a abobada celeste sem uma nuvem... Para o oriente destaca-se-me a longa cordilheira que tambem poderás ver todos os dias; e para o sul o espaço infinito. E assim circumferenciando nada confiro para aqui te poder relatar. Dentro da villa, santo Deus! a não ser aquellas scenas que diariamente se dão com os regateiros lá por a Ribeira (que isso ás auctoridades administrativas é que compete) nada mais encontro digno de gastar uma gota de tinta.

E n'esta pasmaçeira hypocondrica assim iremos passando estes dias da vida, que não será longa, esperando sempre pelo que nunca virá, e que eu tanto desejava... uma boa herança d'um parente que nunca conheci.

Não te rias meu caro; se as minhas passadas cartas todos tiveram por epigrapha «Letras e tretas» a nenhuma tão bem condiz o nome como á que ora concluo.

Apesar d'isto não deixarei de continuar a entreter-te sempre que para isso se me proporcionar a occasião. Adeus.

JESUINO ELOIO.

LITTERATURA

O CEGO

(A' memoria do dr. Luiz José Baldy)

Densa nevoa, triste fumo!

.....

Não vendo terra, nem mar!

ERNESTO MANUECOS.

O que faço eu n'este mundo, Da fortuna desberdado, Cego, pobre, fatigado, Sem os meus paes conhecer?

Que faço, assim ignorante Sem a vista,—a luz brilhante, Nos olhos ao menos ter?

Eu bem sei que tenho paes! Segreda-m'o o coração... Porém, dizei-me: quem são, Já que o nome tanto diz? Sublime é o meu desejo... Mas eu que os tenho e os não vejo, Sou inda mais que infeliz!

Queria vê-los, beijal-os, Fazer-lhes mimos sem fim... Mas c'uma cegueira assim Não posso; succumbo á dôr! Falta-m'a vista que é—vida; Essa riqueza tão qu'rida, O nosso maior amor!

Falta-m'a luz,—a luz pura, Para gosar do prazer Do que ha mais bello p'ra vêr N'esta mundo de grandeza! Oh! falta-me tudo,—o enlôvo... Dizer enfim mais não devo, Foi-me falsa a natureza.

E foi... porque me fez cego, E não quiz, por certo, que eu Soubesse que havia céu, Estrellas, sol, terra e mar. E foi, porque me creou... Mas nas trevas me deixou Sem saber como remar...

E foi, porque desditoso, Lucto e vivo tristemente, Sem que me passa p'la mente Um dia, um dia feliz! E foi,—hora derradeira... Vivo e morro na ceagueira, Porque a lugrata assim o quiz.

Cego! que grande tristeza! Oh! quem pôde assim viver, Como eu, misero, sem vêr Da terra as cousas formosas, E tudo mais que eu invejo; De crystal o lindo Tejo, Os montes, prados e as rosas?

Quem é que pôde, sem vista, Ao pulsar-lh'o coração, Soffrer tal escuridão, Ouvindo pois revelar Do mundo a enorme belleza, A mais dilecta grandeza Que se pôde imaginar?..

Que é, como eu, n'um caminho Nunca findo e todo abrolhos, Sem a luz,—a luz dos olhos, Ter alma, gosto ou prazer? Ninguém!—Pois se a triste sorte, Cego, me ha de dar a morte, Oh! Deus... eu quero morrer!...

ANTONIO JOSÉ HENRIQUES.

ORPHÃO!

Tão pequeninha e orphã, tão bella e esfomeada!... O seu corpo dehit, anemico, quasi nu, estava arroxado pelo frio, gretado pela neve; a bocca—um boião de rosa desmaiado; nos olhos azues de céu—o ultimo lampejo d'um crepusculo matinal; os cabellos—fios d'oiro—desgrenhados, hirtos!... —Esmola por amor de Deus—dizia n'uma voz melodiosa de ternuras e melancholias.—Esmola por amor de Deus—repetia estendendo a mão pallida, descarnada, a misera creança tão pequeninha e orphã, tão bella e esfomeada!...

E ali á esquina ia tanto frio!.. o vento n'um gemido presago, a chuva n'um chorar continuo, a neve crystallizada em flocos alvos, vinham aquelle, segredar-lhe ao ouvido ao ouvido a ultima palavra da sua querida mãe, aquella, dopôr-lhe nas faces descoradas o seu ultimo beijo, esta, recordar-lhe as lagrimas que lhe sulcavam o rosto esqualido, no leito pobre, ao saltar o derradeiro suspiro litando

a filha da sua alma que no mundo ficava abandonada, sem lecto, sem pão, sem amor, tão pequeninha e orphã tão bella e esfomeada!...

E o seu corpo franzino e anemico, tritava sob os miseros farrapos, continuamente, apressadamente!

Quasi correndo, muito esfalfados, perseguidos pela chuva, os transeuntes iam e vinham sem ouvir a pobre menina repetindo:

—Uma esmola por amor de Deus; tenho fome, não tenho mãe... uma esmola!...

E a sua voz ia enrouquecendo, entrecortada por uma tosse funda, despedaçadora, enquanto o dia ia declinando, frio, nevoento, triste. O primeiro sorrir das estrellas no Immenso, veio diluir-se em lagrimas no brilho terne dos olhos azues da gelada mendiga, tão pequeninha e orphã, tão bella e esfomeada!...

Quando no campanario proximo o bronze santo tocava ANGELUS n'um som pausado e frio, ella ajoelhou nas lageas cobertas de neve, ergueu as mãosinhas enregeladas, e dos seus labios até aos céos subiu essa oração casta, pura como elles, que a boa, a querida mãe lhe ensinava. Então os seus olhos fitos no Infinito, tão azues, tão tristes, por certo viram lá a imagem d'essa martyr que lhe dêra o ser, e que ao de lá repousava, porque ella cahiu sobre as pedras da calçada, n'um choro convulso, todo sentimento, todo dôr, exclamando:

—Mãe, minha mãesinha, onde estás?!

.....

E quando a aurora, a primeira da estação das flores, acordou ao som d'uma harmonia de mil gorgeios e zumbidos, sorrindo uns sorrisos d'oiro e rosas, a linda mendiga, de bruços, nas lageas jazia inerte, sem vida, sob o lençol alvissimo da neve; era ella a flôr do inverno que morre ao receber o beijo de despedida das gelidas virações...

E n'uma pomba muito branca, que voava para o céu scintillando ás reverberações do sol nado, eu vi a sua alma toda pureza e disse:

—Lá vae dar os bons-dias á terna mãe, a pobre creança tão pequeninha e orphã, tão bella e esfomeada!

LUIZ VIANNA.

NOTICIARIO

AO HERETISSIMO Subdelegado

Lembramos ao sr. sub-delegado d'este julgado a conveniencia de acarear com as testemunhas no processo instaurado a Antonio Gonçalves da Rocha, cabreiro, por offensas moraes na pessoa do sr. Manoel Rodrigues Vianna, os srs. Manoel Joaquim Rodrigues Villarinho, José Antonio Monteiro Torres e Manoel Gonçalves Ferreira da Silva, todos d'esta villa, pois que o depoimento das testemunhas dado ha dias não condiz com o relatado pelas mesmas testemunhas a estes surs., dias depois do crime.

Carta d'encomendação

Pela relação ecclesiastica de Braga, foi passada carta de encomendação por um anno e para a freguezia de Gandra, d'este concelho, ao rev. Manoel Ferreira Neves.

Visconde do Castello

Tivemos o praser de ver entre nós no ultimo domingo, com a sua ex.^{ma} esposa e gentilissimas filhas, o sr. visconde do Castello, residente em Braga, e que actualmente se encontra a banhos na estancia balnear d'Apulia.

Esteve aqui tambem no mesmo dia, retirando-se, poucas horas depois para a Apulia, o sr. dr. Antonio da Silva Corrêa Simões, digno desembargador na relação ecclesiastica de Braga e irmão do sr. dr. João Ignacio da Silva Corrêa Simões, juiz municipal d'este Julgado.

Veraneando

Está n'esta villa d'este a quarta-feira ultima, veraneando, a ex.^{ma} sr.^a D. Balbina Candida de Faria Vallerio, e suas filhas D. Janny e D. Emma de Faria Lopes Cardoso, esta ultima professora régia na villa de Barcellos.

Monsenhor Vianna

Recolheu ao Seminario Episcopal do Porto, na 4.^a feira da semana penultima, o ill.^{mo} e rev.^{mo} sr. Monseuho Luiz Augusto Rodrigues Vianna, muito digno director espirital do mesmo Seminario.

Barão d'Espozende

De volta da estancia thermal de Caldellas, já está n'esta villa com sua ex.^{ma} esposa, o veraneando titular sr. Barão d'Espozende.

Partida

Partiu para a Quinta de Lavradas com sua ex.^{ma} familia, o nosso conterraneo e amigo sr. dr. M. Villas Bôas.

Tambem partiu para Villa Nova de Cerveira com sua ex.^{ma} esposa, o sr. Joaquim Celestino Niny, secretario da camara municipal d'aquella villa.

Romaria das Necessidades

Realisa-se nos proximos dias 7 e 8 do corrente na freguezia de Barqueiros, (Barcellos) a tradicional romaria de N. S. das Necessidades, onde costuma affloir grande numero de forasteiros. No arraial tocarão as excellentes bandas de Cabreiros e dos bombeiros voluntarios da Povoas de Varzim.

Bemaventuranças

1.^a—Bemaventuradas as mães que casam suas filhas (antes que fujam com os noivos), porque d'ellas é o reino da tranquillidade domestica.

2.^a—Bemaventurados os noivos pobres que casam com moças ricas, porque nunca lhe faltará aquillo com que se compram os melões.

3.^a—Bemaventuradas as moças namoradeiras, porque contarão os noivos ás duzias.

4.^a—Bemaventurado o marido a quem a mulher não exige luxo, porque terá a paz no matrimonio.

5.^a—Bemaventurada a mulher feia, porque estará salva de calumnia.

6.^a—Bemaventurado o marido não ciumento porque não será cego.

7.^a—Bemaventurada a moça honesta, porque será respeitada.

8.^a—Bemaventurado o homem de juizo, porque nunca terá sogra...

Letre falsificado

Pessoas muito fidedignas da

freguesia de Fão, dizem-nos se vendido diaramente n'aquella freguesia, pelo cabreiro Antonia Gonçalves da Rocha, leite falsificado, que unido pôde prejudicar a hygiene publica, além do roubo que arguciosamente pratica.

Pedi-mos a especial attenção do sr. presidente da camara para este facto.

Notas falsas de 15000 reis

Por communicação policial dirigida á administração do concelho, consta que no districto de Coimbra alguns homens acompanhados de mulheres se apresentam com umas rolas da fortuna em varias romarias apresentando notas de 15000 réis falsas, photographadas, mas perfeitamente imitadas, tendo o n.º 1:272 e uzam passal-as de noite para não serem facilmente conhecidas—Ahi fica o avizo para que todos se acan-telem.

Força militar

Aboletou hontem aqui uma força de 15 praças d'infant.º 3 sob o commando de um 2.º sargento, que seguiu hoje com destino ao Porto.

Hospedes illustres

Estiveram na 5.ª feira ultima n'esta villa, hospedados em casa do sr. dr. José Villas-Bôas, os seus illustres conhados e gentilissimas cunhadas, filhos do sr. conde de Lindoso, de Guimarães. Os illustres hospedes partiram para a Povoa de Varzim antehontem, em companhia do sr. dr. Villas Bôas e de sua ex.ª esposa, seguindo d'ali para Guimarães.

Movimento marítimo

Não honve. Pediu licença para sahir a chalupa «D. Rosa».

Imposto sobre as tabo-letas

Este imposto não se estende ás taboletas collocadas na testa dos estabelecimentos, como se tem dito em alguns jornaes, mas incide sobre as que se acham desse imitadas por diferentes sitios, fóra da frente do estabelecimento a que dizem respeito.

A letra da lei, com quanto tenha sido interpretada diversamente em varios concelhos, deve ter execução no sentido indicado, pois é clarissima sobre este ponto.

Em convalescença

Depois da sua longa doença, acha-se em via de convalescença o nosso prezado assignante e amigo sr. Joaquim José da Silva, estimavel cavalheiro do visinho lugar de Goios.

O sr. Silva parte em um dos dias d'esta semana para as thermas do Gerez com sua ex.ª filha.

Desejamos que o nosso amigo regresse d'ali completamente restabelecido dos seus incommodos.

A grande festividade e arrabal a Nosso Senhor dos Afflictos

Como previamente annunciamos, festeja-se hoje com grande esplendor a imagem de N. Snr. dos Afflictos, na sua capellha e-recta no largo do Outeiro.

Pelas 5 horas da tarde terão os fieis occasião d'apreciar o verbo e proficiencia de um brilhante orador sagrado, e duas bandas de musica.

Hontem houveram brilhantes illuminações na Praça Tenente Valadim, ruas do Outeiro e do Caes, queimou-se muito e variado fogo d'artificio e tocaram no arrajal as bandas do Patricio e de Forjães.

Casos e coisas...

(ao correr da semana)
Por absoluta falta d'espaco, não publicamos esta secção humoristica n'este n.º, do que pedimos desculpa ao seu autor.

Posto fiscal de 1.ª classe em Espozende

Cobrado de 26 de Agosto a 2 de Setembro 283242 réis.

A morte

Sobre a morte, o nosso collega «A Epoca», diz o seguinte:

A morte sempre tem uma desculpa.

Morre o moço e diz o velho: —Tão depressa vae o cordeiro como o carneiro.

Morre o velho moço: —Já cá andava comendo pão aos meninos.

Morre a lavradora e diz a dama: —Morreu de trabalho.

Morre a dama e diz a lavradora: —Morre o achacado e diz o sadio: —Annos ha que este contava já com a morte.

Morre o sadio e diz o achacado: —Não ha que fiar na saude.

Morre o rico e diz o pobre: —Comia muito e fazia pouco exercicio.

Morre o pobre e diz o rico: —Coitadinho! Morreu por comer pouco e trabalhar muito.

Morre o sabio e diz o idiota: Estudára um pouco menos e vivera um pouco mais.

De sorte que a morte sempre tem desculpa; não ha porém morte sem achaque; mas que maior achaque que a morte?

O conto «A minha rozeira», publicado no nosso n.º passado, pertence ao «Ave».

RESPIGANDO

—Lembro-me perfeitamente do primeiro namoro que eu tive, dizia uma senhora a uma amiga.

—Que prodigiosa memoria! respondeu esta. Quanto eu daria por ter uma memoria assim!

Julia diz á sua amiga Lucia-na: —Imagina; minha querida, que tenho o defeito de sonhar alto....

—Toma cautella, teu marido é tão ciumento....

—Estou prevenida... Teem ambos o mesmo nome.

—Feliz acaso!

De Bocage: Lisas columnas Taes como as creio De obras divinas Candido esteio Guardam thesouro De alta valia Que só se gosa Na phantasia.

Dois marselhezes conversavam n'um botequim acerca das suas viagens.

—Eu, dizia um d'elles, estive n'um paiz onde as tartarugas são enormes.

—Não podiam ser maiores do que as que eu vi em Africa.

—Estás enganado... O ha-von dar-te uma leve ideia d'ellas.

E, pegando n'um lapis, traça sobre a mesa uma circumferencia de dois pés de diametro.

O outro exclama, com um sorriso de desdem: —O quê? só isso?...

O primeiro, porém, não se querendo dar por vencido n'este torneio de exaggeros, ajunta vivamente, sem largar o lapis: —Espera ahi, homem! Espera ahi! Isto é só a cabeça!...

A THESOUBA.

CORRESPONDENCIAS

Fão, 3 de Setembro de 93

Fallamos das asneiras por pensamento na semana passada e hoje, sr. redactor, fallaremos das asneiras por palavras, i é, mal empregadas que contem a burlesca correspondencia do nosso Moleque.

O sr. redactor sabe-me dizer a que familia pertence este bicharoco —estrada balnear?—E' bicho que não conheço, meu caro amigo—Mas pertencerá á familia dos bipedes ou dos quadrupedes?—Já disse que não conheço nem tal ouvi.—E pertencerá á familia dos animaes domesticos ou ferozes?—Só costume fallar uma vez.—Não se escame sr. redactor, eu se lhe faço esta pergunta é por que pertenco á Sociedade Protectora dos animaes e por isso desejava conhecer este para lhe dispensar toda a protecção se fosse domestico, e domestico o, se fosse feroz, a bem da Sociedade.

Isto de domesticar um animal feroz, sr. redactor, não é osso de invejar; aqui estou eu que ando a domesticar um, chamado Nab Harbert, que me dá com agua pelas barbas, mas pancadinha, pancadinha!!! isso é até o diabo dizer—ai Jesus. E o caso é que o diabo pouco mais manso está; mas quer não; ou eu o mato um dia com uma doze de sobreiro ou elle amansa. Como vê, sinhó Moleque, não sabemos que qualidade de bicho é este. Só V. com formatura em quadrupedologia é que nos pôde dizer se pertence á classe dos quadrupedes ferozes. Porém se o for como espero, tenha a bondade de m'o participar porque já que estou com as mãos na massa tanto domestico um como dous. Ou... ou... estrada balnear! Ah! sim!!! V. sinhó Moleque apellida bem o que precisa; ainda não é tarde de todo apezar dos tolos acerteem uma por hamburrio. Sim, V. precisa ahi d'uns trinta banhos com a cabeça contra o pavimento d'uma estrada a ver se aprende um pouquinho de educação.

Ahi vae outra; usar de desinfectante para nos livrarmos do lago immundo! Santa ignorancia: V. seu ignorante para ontra vez diga para nos aproximar porque nem eu nem pessoa alguma pode comprehender a utilidade dos desinfectantes quando se está livre do lago immundo. Othe, sua estúpida creatura; o melhor desinfectante contra o lago immundo é não se aproximar d'elle. Ora este pobre diabo que não sabe collocar uma palavra no seu lugar competente e muito menos ligar duas ideias, atreve-se a escrever ao publico!!! tristissima figura!!! Mas que queren?! Vin aquelle desinfectante na correspondencia do seu adversario, gostou d'ella (por ser nova para elle) e zãz trãz atrã com ella para o meio das ontras como quem atrã com um fardo de linho para o armazom.

Ahi vão mais ainda: como não tem reacção especial para levar a effeito os seus desejos desesperados não vã sollar os seus rãgidos pelos cueiros da imprensa, porque os seus choros sejam de desespero... O sinhó Moleque é muito tapadinho, louvado seja Deus.

Pois V. o escriptor cá da terra ainda não attingiu a differença que ha entre reacção e acção? V. queria dizer acção como devia ser; mas lembrou-se talvez (e acertou) que de bastante reacção precisa V. na lingua para dizer tanta asneira e tanto insulto, imitando assim os garotos da rua e as regateiras da Praça, zãs escrevem reacção.

Não se lembrou mal sinhó Molé-que porque estou certo que de tanta alma boa que ha por esse mundo, ainda deve haver alguma que se digno fazer-lhe essa obra de caridade. Mas, sr. redactor, que vem a ser cueiros da imprensa? Eu estava convencido e persuadido que a imprensa era um obreira da civilização e a mensageira da sciencia; mas vejo agora que o mono Moleque me quer fazer acreditar que ella é uma criança ainda de cueiros. Eu não intendo isto!!! e mais me confundo ainda quando leio mais abaixo tribunal da imprensa. Que diabo! Então a imprensa é uma criança ou um tribunal?!—Não pense n'isso caro amigo; o seu Moleque é muito bruto; aquella cabeça já não tem concerto e se o pôde ter é com os taes banhos de estrada que V. lhe receitou. Eu tambem assim o entendo, salvo se elle toma o tribunal da imprensa pela casa da Roda onde ha muitas crianças e muitos cueiros. Eh! eh! sinhó Moleque: d'uns cueiros precisava V. pelas ventas e d'um tribunal que o pozesse por demente. E é este pedante que se alreva a insultar a lingua de Camões!!!

Ah! desculpe seu pedante; eu parece que fiz reparo em V. insultar; desculpe. Não me lembrava que V. não sabe outra cousa: mas d'um burro não se espera senão um couce.

Pobre Camões! Não respeitam a tua lingua tão decantada!!! Se no teu tempo houvesse um animalejo d'estes estavas arriscado a cegar do outro olho com um pontapé.

(Continúa)

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que se dignaram assistir á missa pela alma de sua chorada esposa e mãe.

Espozende, 28 d'Agosto de 1893.

José Antonio Pereira Villela
Leopoldina Pereira Villela
Silvio Pereira Villela (9)

GAZETA

DE NOTICIAS

assigna-se no Porto no escriptorio da administração, rua do Loureiro, 106, 1.º e no Centro Internacional de Publicações, Praça de D. Pedro, 127, 1.º direito.

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

DO NORTE DE PORTUGAL (A VAPOR)

Adubos para cereaes—milho e feijão, batatas, vinha, leguminosas, etc.—Gesso, nitrato, superphosphatos.

Dosagens garantidas

Vendas mensaes em 1892 500 saccas.
» em 1893 3:400 saccas.
Com o nosso machinismo, todo francez, a Empreza pôde agora fornecer 1:500 saccas por dia.
Podir prospectos e informações ao

Agronomo: ANTIER VILLATE
RUA FORMOSA, 250 — PORTO

Em Lisboa, na Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.

Todas as assignaturas devem vir acompanhadas do seu importe:

RS. 500 em todo o reino e pelo tempo de um anno.

Paizes da União Postal 15000 rs. Brazil, moeda forte 25000 »
Envia-se um n.º grates a quem o pedir á redacção.

AGENTES
Aceitam-se agentes em todas as terras onde os não houver, para a venda d'este jornal e para receberem assignaturas.

Julgado Municipal d'Espozende

EDITOS

DE TRINTA DIAS

(1.ª publicação)

PELO juizo municipal do Julgado d'Espozende e cartorio do escrivão —Miranda—

correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação d'este annuncio citando Manoel José de Barros Junior, solteiro, maior, auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, afim de fallar aos termos do inventario orphanologico a que se procede por obito de José Martins Branco, casado, morador que foi na freguesia de Fonte-boua, e no qual é inventariante sua mulher Anna Gonçalves Branca da mesma freguesia, para vir deduzir os seus direitos sem prejuizo do regular andamento do mesmo processo até final, em conformidade do disposto no § 3.º do art.º 696 do Codigo do Proc. Civil.

Espozende, 1 de Setembro de 1893.

Verifiquei a exactidão.

O juiz municipal, João Ignacio da Silva Corrêa Simões.

O escrivão, Delfino de Miranda Sampaio.

(8)

REMÉDIO DE AYER DO DR. AYER



Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Pectoral de cereja de Ayer. O remédio mais seguro que na para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas.

O remédio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remédios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e intestinal vegetal.

ACID OPHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa adicionando-lhe apenas agua e açúcar; é um excellent substituto de limão e baratissimo porque um frasco dura muito tempo.

Tambem é muito util no tractamento de Indigestão, Nervoso, dyspepsia e dor de cabeça. Preço por frasco 700 reis e por duzia tem abatimento.—Os representantes James Cassels & C., Rua Mousinho da Silveira, 85, 1.º—Porto, dão as formulas aos sus. Facultativos que as requisitarem.

Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para lavar as casas e latrinas; tambem é excellent para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metais, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drograrias. PREÇO 210 REIS

PHARMACIA CENTRAL ESPOZENDENSE

DE

JOSÉ CANDIDO DA SILVA RAMALHO

RUA DIREITA—ESPOZENDE (4)

Serviço permanente

Esta pharmacia, fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uso da ciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja barateza e indiscutivel utilidade não desmentem a solida reputação d'este já muito acreditado estabelecimento. Entre todos esses preparados, que as primeiras sumidades medicas empregam com a melhor certeza d'um resultado lisongeiro, esta pharmacia, devido ao estudo do seu preparatorio, possui preparados tão necessarios como salutarmente garantidos nos seus effeitos. São elles:

Pomada anti-herpética
Cura todas as molestias de pelle. Preço da caixa 120 reis.



Injecção adstringente calmante
Cura todas as hienorrhagias as mais rebeldes. Preço do frasco 300 reis.

Específico contra callos
Efficaz para a destruição completa dos callos. Preço do frasco 300 reis

Xarope vermifugo
O melhor medicamento conhecido contra as lombrigas

Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

PRIVILEGIO

EXCLUSIVO

CONTRA A TOSSE

E

DOENÇAS DO PEITO

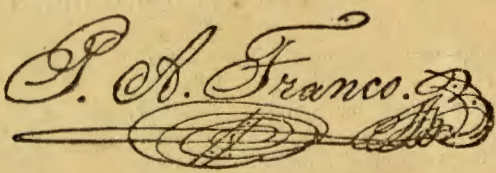
XAROPE PEITORAL JAMES

Unico approved, legalmente autorisado pelo conselho de saude publica de Portugal e Inspectoria Geral de Hygiene da Corte do Rio de Janeiro.

A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitais e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'este paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a approval-o (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a considerá-lo um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, desturo, tosses rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo, e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envoltorio esta minha assignatura som tinta azul.



Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhos

EM BELÉM — LISBOA.

CASA BARATEIRA

Novo estabelecimento de

MERCEARIA, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

de

Francisco Mendes d'Oliveira

45, Rua do Outeiro, 16

ESPOZENDE

Um variado sortimento de chitas, setinetas, mortuos, pãos crus, riscados, cotins, merinos, sargelins, casturinas, algodões, lãs e mais miudezas.

Bons generos de mercearia, genébras, vinhos engarrafados, café puro, chás de superior qualidade, louças cêra e muitos outros generos que não podemos aqui mencionar.

Ao Mendes! Ao Mendes!
Divisa da casa:
Vender barato, para vender muito

FRANCISCO DA SILVA LOUREIRO (2)


COM LOJA DE

FAZENDAS E MERCEARIA

Acaba de receber um completo sortimento de fazendas proprias para verão cujo sortido em gostos variados espura satisfazer qualquer freguez, seja cavalheiro, scuhura ou criança. Escusado será fazer menção dos artigos que tem expostos á venda; basta só dizer que n'este estabelecimento acha-se tudo que se deseja por preços commodos.

Tambem se encarga de fatos sobre medida com perfeição.

É NO FIM DA RUA DO CAES



VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado e autorisado pelo governo e approvado pela junta e nutritiva de saude publica e premiado com as medallas de ouro nas exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris.

Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

É o melhor tónico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetito, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debéis para combater as digestões tardias e laboriosas, a despesia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemias ou inação dos órgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrofulosas, e em geral na convalescência de todas asdoenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para crianças ou pessoas muito debéis, uma colher de sopa de cada vez; e para os adultos, duas e tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dose com quaesquer bolachinhas é um excellent lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao toast, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os vultros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que será depositada em conformidade da lei de 4 de Junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco-Filhos em Belem.

LOJA DO POVO

José da Costa Terra, proprietario d'este bem conhecido estabelecimento, annuncia aos seus amigos e freguezes que acaba de montar junto á sua casa, uma alfaiateria, sob a direcção do sr. João Rodrigues, conceituado mestre alfaiate dos ATELIERS do Porto, e vindo directamente da casa Amieiro Caramona, da referida cidade.

Aproveito o ensejo para declarar, que na alfaiateria, competentemente montada, se toma conta por preços excessivamente modicos e garantindo-se a perfeição do trabalho, não só de obras para homem como tambem de casacos para senhora, em qualquer feitio. E igualmente se avia qualquer obra, ainda quando as fazendas não sejam compradas no meu estabelecimento.

Por este meio, annuncio de igual passo que no meu estabelecimento se encontram á venda fatos baratos, completos, desde rs. 65000 a 85000 garantindo-se a boa qualidade das fazendas.

A LOJA DO POVO!

Esposenda 16 de junho de 1893.

JOSÉ DA COSTA TERRA.

DICCIONARIO COBOGBAPHICO DE PORTUGAL

(Parte continental e insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias; superficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e outras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial, administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias ás sedes dos concelhos; comprehendendo a indicação das estações do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, telephonico, de emissão de vales do correio, de encomendas postaes, etc. por

F. A. de Mattos

Cada fasciculo de 32 paginas, em 8.º francez, 60 reis, pagos no acto da entrega. Assigna-se na Empresa do Recreio, editora rua Formosa 2—G.

A CASA

Guillard, Aillaud e Cia

LISBOA LISBOA

DISTRIBUE REGULARMENTE

Publicação quinzenal

LA SAISON

Jornal de Modas, formato grande, 12 paginas de texto com numerosas gravuras, moldes e um figurino colorido.

NUMERO AVULSO | Lisboa (pagos á entrega) 120 reis.
Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 6 mes) 130 "

ASSIGNATURA: 3 mezes, 850 reis; 6 mezes, 1,600 reis; 12 mezes, 3,000 reis.

Publicação semanal

La Nature

Jornal scientifico (semanal)

NUMERO AVULSO | Lisboa (pagos á entrega) 100 reis.
Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 5 mes) 110 "

ASSIGNATURA: 6 mezes, 2,600 reis; anno, 5,200 reis.

Novo Jornal de Medecina sob a direcção do doutor Germain SÉE. — Publicação semanal.

NUMERO AVULSO | Lisboa (pagos á entrega) 200 reis.
Provincia e ilhas (1) 220 "

(1) Pagamento sul anuido de 3 fasciculos.

Les Sciences Biologiques en 1889

Novo publicação sob a direcção dos Drs Charcot, Cornil, Dujardin-Beaumetz, etc.

Fasciculos de 22 paginas in-8º grande, com gravuras.

NUMERO AVULSO: Lisboa (pagos á entrega) 200 reis
Provincia e ilhas (1) 220 "

(1) Pagamento sul anuido de 3 fasciculos.

Remettem-se gratuitamente numeros d'estas publicações por amostra.

A VIUVA MILIONARIA --- EM PUBLICAÇÃO